

## RESENHAS

### LIVRO: Educar Para Reencantar a Vida

*SUNG, Jung Mo. Educar Para Reencantar a Vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 173 p.*

**Adolfo Suares, Ms.**

Pastor, Doutorando no Programa de Ciências da Religião da  
Universidade Metodista de São Paulo.

[adolfo.suares@unasp.edu.br](mailto:adolfo.suares@unasp.edu.br)

O professor Jung Mo Sung é pós-doutor em Educação e doutor em Ciências da Religião. Atualmente é docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, do qual também é coordenador, e pesquisa a relação entre a religião-educação-economia. É autor de diversos artigos, publicados no Brasil e no exterior, e de pouco mais de uma dúzia de livros, entre os quais Cristianismo de Libertação – Espiritualidade e Luta Social (2008), Um Caminho Espiritual para a Felicidade (2007), Educar Para Reencantar a Vida , (2006) Sementes de Esperança (2005) e Competência e Sensibilidade Solidária: Educar Para Esperança (2000, em co-autoria com Hugo Assmann).

Nesta obra ora resenhada, o autor argumenta que, na ausência de um sentido último, “nós não conseguimos estabelecer uma certa direção para a nossa vida. E sem essa direção não logramos ter um horizonte de compreensão que nos dê sentido das coisas, fatos e pessoas e determine os valores de cada um” (p. 11). Por isso, seu principal objetivo neste livro é “reavaliar criticamente o sentido da vida dominante na nossa sociedade e apontar alguns caminhos para um sentido mais humano e encantado da vida” (idem). Para tanto, Jung acredita que a educação tem uma parte importante no desafio de reencantar a vida, dando-lhe um sentido que não seja meramente o de trabalhar freneticamente para consumir desenfreadamente, limitando a vida ao encantamento produzido pelo consumo das mercadorias.

Logo no título do livro temos um primeiro elemento que norteia o pensamento do autor. Nele propõe-se a reflexão do reencantamento da educação, posto que nosso mundo não está completamente desencantado; aliás, “o encantamento do mundo do consumo, das mercadorias-símbolos, levou ao



desencantamento das outras dimensões e aspectos da vida” (p. 129). Como se pode perceber, o desafio não é produzir encantamento, mas redirecioná-lo, ou, pelo menos questionar a idéia de que a mercadoria é a fonte da humanidade.

O livro compõe-se de dez capítulos, todos eles escritos numa perspectiva dialogal, pois o autor pretende “conversar” com o leitor a fim de convencê-lo da validade de suas argumentações. O capítulo 1 trata da questão da vida e do conhecimento em todos os seres vivos e apresenta algumas características da vida que estão na base da proposta para um reencantamento da educação. A principal tese do autor é que “o meio ambiente está em constante mudança, de modo que a adaptação conseguida hoje não garante a sobrevivência do futuro” (p. 23). Para o ser humano “esta é a principal razão da necessidade de uma educação permanente” (idem). Todavia, a adaptabilidade que possibilita a continuidade da vida não é suficiente para o Homo sapiens. “Nós humanos não queremos estar somente vivos, necessitamos sentir que vale a pena viver” (p. 25). Assim, Jung introduz e fundamenta a necessária discussão do sentido da vida.

O capítulo 2 trata da forma humana específica de cognição, que torna as pessoas diferentes dos animais. Jung afirma que “o que dá à cognição humana o seu poder único e impressionante em relação a outros animais é o fato de usarmos os símbolos lingüísticos em interações discursivas onde as diferentes perspectivas de apreensão e compreensão de algum fenômeno possibilitadas por esses símbolos são explicitamente contrastadas e compartilhadas” (p. 29). Esse compartilhamento e contraste são importantes porque a partir deles o conhecimento do real se torna mais rico e complexo. É justamente pela riqueza e complexidade do conhecimento humano que se abre a possibilidade da convivência e da dimensão moral, o que permite, então, a liberdade humana e a utilização da “capacidade de diferenciar entre o certo e o errado, não somente em função da sua própria sobrevivência, mas também a partir da noção do bem e do mal que foram descobertos ou criados na interação social” (p. 33). Dito em outras palavras, é a “maior capacidade de cognição que nos abre mais para a compaixão, amor e solidariedade” (p. 34), posto que “não habitamos mais apenas o mundo dos fatos [como os animais], mas o mundo dos signos e dos sentidos” (p. 35). Isso só é possível porque os seres humanos são capazes de se desprender do determinismo genético.

O capítulo 3 aborda a “estreita relação que existe entre o sentido na ou da vida e a educação” (p. 42). A tese principal apresentada por Jung é que se “um processo educacional não ajuda o educando a conhecer ou construir um sentido que faça valer a pena lutar pela vida e pelo processo de humanização, esse mesmo processo educacional acaba por não oferecer o sentido da sua própria ação educativa” (p. 43). Assim sendo, “a própria educação perde o sentido e passa a ser



uma mera obrigação sem sentido" (idem). A melhor alternativa para resolver esse impasse é estimular educadores e educandos na prática de uma educação que valorize mais o por que do que o como, pois se nos limitarmos ao método (o como), estaremos abdicando da própria finalidade da educação. E, como já vimos, seres humanos não se satisfazem apenas com a funcionalidade da vida, mas querem entender "o sentido das coisas e dos fatos humanos e sociais" (p. 50).

Como se pode perceber, os capítulos 1, 2 e 3 formam um bloco inter-relacionado, no qual o autor argumenta que (1) viver é conhecer; (2) o conhecimento humano permite o desenvolvimento da capacidade simbólica, (3) que leva o ser humano a se questionar sobre o sentido da vida.

No capítulo 4, que é transição para o segundo subconjunto do livro, o autor propõe que compreender o sentido da vida e da existência implica em se perguntar ou refletir sobre a origem e o fim do universo. Para tanto, torna-se necessário o uso de duas linguagens diferentes: a analítico-experimental (ciência) e a metafórico-simbólica (mito). Por que necessário? Citando Morin, Jung argumenta que a cosmologia, a física e a biologia não são suficientes para explicar os seres humanos, pois somos culturalmente criadores e criaturas do mito, da razão, da técnica e da magia (p. 55). Daí que o pensamento mítico não pode ser extirpado, embora deva ser educado, já que em nome dos mitos e das idéias somos capazes da indiferença e até da morte.

Os capítulos 5 e 6 formam o segundo subconjunto deste livro; enquanto um analisa "o espírito e a espiritualidade do capitalismo, a sua fé e a sua 'religião da vida cotidiana'" (p. 13), o outro discorre sobre "como o encantamento do consumo desencantou a vida e a educação" (Ibidem). Está claro que as pessoas não querem apenas viver, mas viver com sentido; e são as mercadorias que conseguem reencantar a existência humana. Por isso, "na nossa sociedade o consumir não visa, em primeiro lugar, a satisfação das necessidades biológicas e materiais da pessoa e da sociedade, mas sim as 'necessidades' culturais e existenciais" (p. 72). Prova disso é que, de modo geral, "somos tratados de acordo com o nosso padrão de consumo" (idem). O problema decorrente dessa religião do consumo é que pode tornar banal ou insignificante "qualquer sentimento de compaixão com a dor e o sofrimento da outras pessoas – principalmente se forem não-consumidoras" (p. 79). Qual a relação disso com a educação? Acontece que os educandos fazem parte da população sedenta de novas mercadorias, pois as massas estão sendo educadas para a nova cultura de consumo. O desafio da educação e dos educadores, então, é muito maior do que apenas fazer algo, mas deixar clara a finalidade do magistério assim como justificar e dar sentido ao que se faz.



O terceiro e último bloco desta obra, formado pelos capítulos 7 a 10, discute “diversas propostas de reencantamento que vêm desde as ciências naturais até a educação, passando pelas ciências sociais” (p. 13). Especificamente, o capítulo 7 põe em debate a problemática “de uma sociedade que reduz tudo ao cálculo econômico, cálculo que desfoca o sentido da vida e desencanta tudo o que na vida não é acumulação e consumo, inclusive a educação” (p. 102). Essa discussão é feita a partir de diversos autores que trabalham a temática. Inicialmente, a referência é à idéia de reencantamento da educação como bandeira de transformação social. Nesta abordagem, torna-se necessário aludir ao “desprezo social pela profissão de professor, especialmente da educação básica” (p. 103). Tal desprezo acaba se tornando tanto causa da falta de motivação de alguns professores, como o resultado desta. Ao longo do capítulo, o professor Jung tem um cuidado extremo em deixar claro que o desencantamento do mundo e da educação não deve necessariamente ser atrelado ao processo de secularização pelo qual passou e passa nossa sociedade. Se bem que podem ser apontados elementos negativos na secularização – como o aspecto destrutivo das religiões, da religiosidade humana e da própria noção de Deus (p. 105) – é também inegável que há ganhos significativos, como a “deslegitimação das guerras em nome dos deuses e das religiões” (p. 108). Outra idéia muito bem argumentada pelo autor é de que não precisamos pensar que o reencantamento social poderá vir unicamente pela via religiosa – no âmbito do imaginário ou na noosfera, “pois sem uma mudança nas estruturas econômicas e sociais capitalistas o encantamento das mercadorias e o desencantamento da natureza e da vida permaneceriam como seus efeitos” (p. 116).

O capítulo 8 é fundamental para a compreensão deste livro. Considerando que, de modo geral, a discussão teórica sobre o reencantamento se fundamenta na “superção do paradigma mecanicista e fragmentário da modernidade”, e que “o reencantamento tem a ver com uma nova forma de ver a vida e a realidade que nos cerca” (p. 127), o autor propõe basicamente três maneiras de entender o reencantamento na e da educação. A primeira diz respeito à educação e o sagrado, e tem a ver com a discussão do sentido da vida em conexão com a espiritualidade, não na direção de um debate religioso, mas “em torno de como educar para que as pessoas possam discernir e escolher entre os diversos tipos de símbolos, mitos, ritos e sagrados” (p. 120). A segunda refere-se à educação holística e a espiritualidade, e abrange o “educar para conhecermos os limites e potencialidades da nossa condição de ser humano, que pode se encantar com o diálogo, a criatividade e causas nobres e solidárias” (p. 123). Finalmente, a terceira maneira de entender o reencantamento na e da educação aponta para um agir solidário “como resultado de uma conversão, de uma luta interior movida pela força desse entusiasmo, de reencantamento da educação e da vida” (p. 127). Esta abordagem



dispensa alguma “precondição de caráter espiritual ou religioso, a não ser o entusiasmo para defender a vida humana e reorientar a humanidade nesse nosso habitat frágil” (p. 126). Em síntese, o reencantamento do mundo e de um sentido de vida mais humano e solidário requer a compreensão – e por que não assimilação – das religiões e seus símbolos, embora possa prescindir deles.

No capítulo 9, o autor retoma a idéia de que “somos seres produtores de símbolos, mitos, deuses e narrativas que adquirem consistências e poder ou influencia sobre nós mesmos, os seus criadores. Não há como negar isso, tanto no sentido de negar a sua existência quanto no sentido de querer acabar com esse processo” (p. 133). Entretanto, a seção mais importante deste capítulo é a que propõe caminhos – bem amplos, é verdade – para educar o sentido da vida. A primeira diretriz refere-se a viver humanamente, ou seja, a consciência de que a vida não deve ser vivida de maneira subumana, supra-humana ou pós-humana (p. 139). A idéia é a “afirmação da vida humana como tendo valor e sentido em si mesma” (p. 140); é o reconhecimento da condição humana, com suas limitações e possibilidades. A segunda diz respeito à “aceitação da nossa finitude” (p. 141). E por que essa noção é fundamental? Porque o consumismo infinito ou a busca pela juventude e beleza eterna são características que mostram a negação humana da sua própria finitude e a conseqüente busca da infinitude. O autor nos lembra que “devemos assumir a nossa finitude não como uma limitação ou falha, mas sim de modo positivo como uma característica essencial de nosso ser, o que nos faz ser o que somos” (p. 142). A terceira diretriz alerta para o “erro de considerar a linguagem religioso-espiritual simbólica como descrições ‘científicas’ de um mundo sobrenatural” (p. 143). Neste caso, os educandos devem ser orientados quanto à especificidade da linguagem simbólico-religiosa, para não cair no erro de defendê-la arduamente – e cegamente – ou condená-la e até mesmo depreciá-la como se fosse algo apenas destinado a crianças e a ignorantes (idem). Finalmente, a quarta diretriz consiste na compreensão de que “há uma diversidade muito grande de concepções religiosas e espirituais no interior de uma mesma religião ou Igreja e por isto é natural que haja discordâncias” (p. 145). De maneira que ninguém precisa achar que tem a última palavra no campo religioso, espiritual ou simbólico, pois é fundamental ter disposição para o diálogo, assim como para a reflexão sobre a própria fé. Em resumo, Jung considera tanto o senso de finitude quanto a compreensão da linguagem simbólico-religiosa elementos importantes para a “busca pelo sentido da vida, que seja, ao mesmo tempo, humano e reencantado” (p. 147).

Como o próprio autor afirma, o capítulo 10 “tem a função de fecho provisório do livro e abertura para novas reflexões e desafios” (p. 149). Uma conclusão fundamental do autor – ainda que provisória – é que “a busca pelo



sentido último da vida e a conseqüente aposta na possibilidade de se viver uma vida mais humanamente significativa e de construir uma sociedade mais justa” é uma dimensão fundamental do ser humano (p. 151), e esta necessidade é demonstrada mesmo por pessoas que não acreditam em Deus ou em seres divinos. De certa maneira, essa aposta se constitui numa “religiosidade” comum a todas as pessoas, numa espécie de característica ontológica. A segunda conclusão nesta obra é que, sendo o sentido da vida uma necessidade inerente à humanidade, é necessário que o processo educativo reencante a vida, tornando-a cada vez mais significativa em si mesma, libertando-a da dependência do consumismo desenfreado. Finalmente, a terceira conclusão é a respeito de uma educação que ensine a “discernir os mitos, símbolos e deuses” (p. 157), com a finalidade de encontrar um sentido da vida, produzindo pessoas maduras e críticas. O desafio maior apontado pelo autor é o compromisso “com a educação das novas gerações para desencantar o mundo fetichizado das mercadorias e reencantar a vida” (p. 157). Uma tarefa nada fácil, mas convidativa por ser desafiadora.

A leitura e análise deste livro do professor Jung Mo Sung me permitem refletir sobre quatro questões importantes. Primeiramente, ao afirmar que “conhecer a tradição cultural, espiritual e religiosa de outros grupos é importante não somente para aprender a viver juntos, mas também para a realização do ser humano como humano” (p. 58), esta obra fortalece e até legitima a atual abordagem do Ensino Religioso na Escola Básica, que, em dois de seus cinco eixos temáticos, pretende (1) discutir as Culturas e Tradições Religiosas, estudando o fenômeno religioso e analisando a religião humana nas diversas culturas e (2) conhecer os Ritos, descrevendo as práticas celebrativas das tradições religiosas, assim como os símbolos de coisas transcendentais.<sup>1</sup>

Em segundo lugar, esta obra serve como ponto de partida para a reflexão e construção de uma educação e magistério comprometidos não apenas com a qualidade acadêmica, mas também com a espiritualidade ou, como prefere definir o neurologista Howard Gardner, com a “capacidade de pensar sobre questões cósmicas e existenciais”<sup>2</sup>. Se de fato é válida e comprovada a hipótese de que existe “uma inclinação para refletir sobre preocupações cósmicas ou existenciais importantes”<sup>3</sup>, os caminhos apontados por Jung são fundamentais para a operacionalização de uma nova maneira de encarar esse processo educacional desafiador.

---

<sup>1</sup> FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso. 3ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

<sup>2</sup> GARDNER, Howard. Inteligência: Um Conceito Reformulado. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 88.

<sup>3</sup> Ibid., p. 88-89.



Uma terceira questão suscitada pela leitura é a respeito da urgente necessidade de pensar também no por que e não apenas no como educacional. O como, que valoriza o método e as técnicas, não favorece a contestação das certezas, e não nos permite ver que elas não são tão certas como parecem. Como diz Miguel Arroyo, as “certezas múltiplas protegem nossas tranqüilidades profissionais [...] Dão a segurança necessária para repetir ano após ano nosso papel. São os deuses que protegem a escola e nos protegem [...] São nossas crenças e nossos valores. Não se discutem, se praticam com fiel religiosidade”<sup>4</sup>.

A questão da dúvida/certeza é crucial para a Teologia e também para a Educação, e tem tomado tempo não apenas de acadêmicos, mas de pessoas comuns, que, embora não reflitam teoricamente ou sistematicamente sobre suas dúvidas e certezas, o fazem na rotina de uma vida diária.<sup>5</sup> Em sua mais recente obra, Cristianismo de Libertação, o professor Jung Mo Sung afirma que “certezas sobre o homem, a História e Deus indicam que estamos diante do fenômeno da idolatria. Certezas nos propiciam falsas seguranças e nos levam a erros trágicos”.<sup>6</sup> É provável que essa afirmação nos tire do sério, pois, pensariam alguns, implicaria que não podemos ter certeza mesmo diante de coisas referentes a Deus. E se, biblicamente, Deus é imutável, estamos então diante de uma provável heresia.

Precisamos ir com calma nessa conclusão, principalmente porque o que o professor Jung questiona não é a certeza/incerteza de Deus, mas a certeza/segurança daquele que pretende ter plena convicção de que o que pensa ou escreve sobre Deus está inequivocamente certo. Neste sentido, absoluta certeza poderia conduzir a um erro trágico, pois eliminaria a busca de novos horizontes. Como diz Paulo Freire, “umas das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”,<sup>7</sup> pois, se bem que Deus é plenamente completo, acabado, “os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma,

---

<sup>4</sup> ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 171.

<sup>5</sup> Uma boa obra para refletir sobre este assunto é McGRATH, Alister. *Como Lidar com a Dúvida Sobre Deus e Sobre Você Mesmo*. Tradução de Cláudia Ziller Faria. Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

<sup>6</sup> SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de Libertação – Espiritualidade e Luta Social*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 58.

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 30.



como manifestação exclusivamente humana”.<sup>8</sup> Embora essa observação esteja no contexto da práxis educacional, que insta a educação a se re-fazer constantemente, é óbvio que isso implica no cuidado que devemos ter com as nossas idéias e certezas. Então, entendo que todo projeto, seja de vida e mesmo de uma tese, deve ser inacabado. Usando as palavras de Paulo Freire, precisa estar sendo para poder ser. Neste sentido, educar para reencantar a vida requer intenso questionamento com a finalidade de encontrar uma vida melhor, mais significativa, mais libertadora.

Em quarto lugar, a leitura desta obra me fez pensar na necessidade de desenvolver estratégias que favoreçam nos educandos uma postura de discernimento da mídia, com o intuito de não se deixar iludir pela cultura do consumo. Como afirma a filósofa Victoria Camps, “é preciso aprender a decodificar as mensagens, a distinguir o proveitoso do inútil, a formar um critério para si”<sup>9</sup>. O que Camps aplica apenas ao ato de ver televisão deve ser estendido às diversas formas de mídia.

Ainda em tempo, verifico também que esta obra estabelece uma importante conexão com as Ciências da Religião principalmente ao propor uma discussão que pode envolver o “transcendente” e o “espiritual”, questões estas facilmente ignoradas por cientistas de outras disciplinas. Neste sentido, Hans-Jürgen Greschat afirma que “se cientistas da religião negassem o transcendente, não levariam os fiéis a sério e posicionar-se-iam arrogantemente contra eles”<sup>10</sup>.

Pressupostos filosóficos à parte – como o debate sobre a validade ou não das teorias evolucionista e criacionista – creio que estamos diante de um texto bem articulado e envolvente. É notória a maneira como o professor Jung “costura” as idéias dos diversos autores que lhe servem de base teórica. Destaco também a seqüência lógica dos capítulos, onde uma tese suscita a próxima, de modo a construir uma argumentação estruturalmente consistente. É admirável sua habilidade de propor e explorar idéias no intuito de perseguir o objetivo final que motivou a escrita deste livro. Creio que, por isso, ao lê-lo, nasce e por vezes renasce o claro desejo de não poupar esforços no sentido de educar para reencantar a vida.

---

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 84.

<sup>9</sup> CAMPS, Victoria. *O Que se Deve Ensinar aos Filhos*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 88.

<sup>10</sup> GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O Que É Ciência da Religião?* Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 33.